



# Henriqueta Chamberlain: a tradução de *Inocência* (1946) e suas experiências no Brasil

## Henriqueta Chamberlain: translation of *Inocência* (1946) and her experiences in Brazil

Eliza Mitiyo Morinaka<sup>1\*</sup>

Luciana Vitória Cupertino Santos<sup>2\*\*</sup>

**Resumo:** A tradução de *Inocência* (1946), de Visconde de Taunay, para o inglês, assim como a tradução de outras obras brasileiras, foi ganhando espaço nas livrarias estadunidenses na década de 1940 com o subsídio do Departamento de Estado dos Estados Unidos para o *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCIAA), agência criada com a missão de estreitar as relações interamericanas. Os projetos do OCIAA visavam traduzir as obras latino-americanas e apresentar de forma didática a cultura dos vizinhos americanos para o público estadunidense. Artigos e críticas sobre os romances brasileiros circularam em jornais e revistas especializadas à época e destacaram a necessidade de conhecer melhor os escritores latino-americanos e sua produção literária. No entanto, até hoje, pouco ou nada se sabe sobre os tradutores e tradutoras que realizaram o trabalho de tornar esses romances acessíveis ao público de língua inglesa. O objetivo deste artigo é apresentar o cotejo de *Inocência*, de Visconde de Taunay (1872), e sua tradução com o título homônimo *Inocência*, feita por Henriqueta Chamberlain (1946), analisando as escolhas feitas pela tradutora para que o romance fosse acomodado ao projeto pedagógico do OCIAA e ao sistema literário receptor estadunidense. Concomitantemente, para destacar o trabalho da tradutora, faremos a recomposição de parte de sua biografia, pois sua história e vivência no Brasil foram fatores fundamentais em seu trabalho. Demonstraremos como seu conhecimento dos aspectos culturais brasileiros contribuiu para que eles

---

<sup>1\*</sup> Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. E-mail: [emorinaka@ufba.br](mailto:emorinaka@ufba.br).

<sup>2\*\*</sup> Bacharel em Língua Estrangeira Moderna pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente cursa a graduação em Licenciatura em Língua Estrangeira Moderna na Universidade Federal da Bahia. E-mail: [luciana.vitoria@ufba.br](mailto:luciana.vitoria@ufba.br).

fossem incorporados ao texto traduzido proporcionando maior acessibilidade aos leitores de língua inglesa.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução; Estudos do Tradutor; Literatura Brasileira nos EUA; Henriqueta Chamberlain.

**Abstract:** The translation of *Inocência* (1946), by Visconde de Taunay, and other Brazilian novels in English translation reached US bookstores in the 1940s due to the financial help from the *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCIAA) to strengthen Interamerican relations. The OCIAA projects aimed at translating Latin-American books to introduce pedagogically the culture of their fellow American neighbors. Articles and critical reviews about the Brazilian novels were published in specialized magazines and newspapers highlighting the necessity to know Latin-American writers and their literary production. However, until today there is still little or no information about the translators who worked on making Latin-American novels more accessible to the United States audience. The purpose of this article is to present a comparison between *Inocência* by Visconde de Taunay (1872) and the translation *Inocência* by Henriqueta Chamberlain (1946) by analyzing the choices made by the translator so that the novel would comply with both the OCIAA pedagogical project and the USA literary system. We will also reconstitute part of Henriqueta Chamberlain's biography to highlight her work as a translator since her story and experiences in Brazil were fundamental elements in her work. We will demonstrate that her knowledge of the Brazilian cultural aspects contributed to making *Inocência* a more accessible book to English readers.

**Keywords:** Translation Studies; Translator Studies; Brazilian Literature in the USA; Henriqueta Chamberlain.

## Introdução

Na década de 1940, o público estadunidense se deparou com a chegada de vários títulos brasileiros em suas livrarias. Muitas editoras ficaram interessadas em verter alguns romances do Brasil para a língua inglesa, pois havia financiamento sendo concedido pelo Departamento de Estado mediante a submissão de projetos (MORINAKA, 2020). Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o *Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs* (OCIAA), diretamente ligada ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, foi a agência que tinha como missão estreitar a relação e a solidariedade interamericana contra o Eixo. Assim, o OCIAA criou várias filiais nos países latino-americanos para o intercâmbio econômico e cultural. Essa estrutura garantia a inserção estadunidense mais efetiva nos países vizinhos para combater a influência e propaganda vinda da Alemanha e da Itália que ganhava espaço no Brasil, principalmente na região sul e sudeste devido ao número de imigrantes desses países na região (TOTA, 2000).

Os projetos culturais tinham como objetivo estimular o conhecimento sobre os vizinhos latino-americanos. Ao lado de outros bens culturais como revistas, filmes, música e artes plásticas, a tradução das obras latino-americanas ajudaria a cumprir parte dessa missão. Para a concretização da ação, as editoras ou os institutos acadêmicos poderiam apresentar uma proposta para o OCIAA levando em consideração a qualidade literária, a adequação das obras ao mercado dos EUA e a representação das tendências literárias das repúblicas americanas. Dentre um repertório vasto de cada país, as obras passavam por uma seleção e deveriam se adequar aos parâmetros estabelecidos pelo OCIAA. Em um dos projetos encontramos uma lista de critérios que parecem ter dado o norte para a escolha das obras latino-americanas que foram traduzidas pelo OCIAA:

- i) a psicologia do caráter nacional, ii) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida, iii) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social, e iv) o caráter emergente e suas

transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes. (MORINAKA 2020:180).<sup>3</sup>

*Inocência*, de Visconde de Taunay (1872), é um dos clássicos da literatura brasileira do século XIX e um marco do Romantismo, segundo a classificação tradicional da história literária. A obra apresenta características regionais e detalha a vida sertaneja do interior do Mato Grosso, o que o tornou um forte candidato para a tradução, pois suas características, apesar de ser um romance ambientado do século XIX, eram compatíveis com os critérios estabelecidos pelo OCIAA. No prefácio da tradução, a própria tradutora escreveu que no romance havia

uma descrição quase fotográfica de uma parte de um mundo pouco conhecido e compreendido pelos Estados Unidos. O êxito do autor em movimentar personagens autênticos em um cenário autêntico merece nossa atenção para alcançarmos um entendimento mútuo.<sup>4</sup>  
(TAUNAY 1946: vi)

De acordo com o artigo de Frederick C. H. Garcia (1970), há duas traduções anteriores de *Inocência* para o inglês; a primeira, publicada pela Chapman and Hall, de Londres, em 1889, intitulada *Innocencia: a story of the prairie regions of Brazil*, foi traduzida e ilustrada por James W. Wells, que era membro da Real Sociedade Geográfica de Londres. A segunda, pouco conhecida, foi uma edição escolar preparada por Maro Beath Jones e impressa em 1923 nos Estados Unidos.<sup>5</sup>

Os dados quantitativos das obras de ficção traduzidas no século XX mostram um aumento no número de traduções para os EUA durante a vigência

---

<sup>3</sup> NARA II. RG229, Office of Inter-American Affairs. Project authorizations, 1942-1945. Letter Archives, Box 536. Original: “i) The psychology of the national character; ii) Its conditioning by human geography and by the living tradition; iii) Its most characteristic expression today - whether in architecture, regional fiction, social analysis; iv) The emerging character, content and rate of changes since 1920: persistent problems, prevailing purposes and conspicuous efforts”.

<sup>4</sup> Nossa tradução de: [...] the novel contains a nearly photographic description of a part of the world that is little known and understood in the United States. The author’s success in moving his authentic characters against an authentic background merits our attention, in the interests of a better mutual understanding. (TAUNAY 1946: vi)

<sup>5</sup> Garcia (1970) comparou os prefácios dos tradutores e a fortuna crítica das três traduções para mostrar as diferenças entre elas como reveladoras do contexto social e do período em que elas foram publicadas. Ele ainda avaliou as três traduções mostrando algumas diferenças e semelhanças e concluiu: “Três estrangeiros, ao longo de quase sessenta anos, colocaram o romance nas mãos desse público [falantes de língua inglesa]. Com seu ardor quase missionário escreveram uma boa página da história externa de nossas letras” (GARCIA 1970: 97).

do projeto do OCIAA na década de 1940 se comparados às décadas anteriores. A pesquisa de Morinaka (2020) com foco na década de 1940, orientada pelos Estudos Descritivos da Tradução (TOURY, 2012), elegeu e cotejou três romances traduzidos no período e descreveu as normas operatórias com o objetivo de verificar até que ponto as normas preliminares, ou seja, a política cultural dos EUA, interferiu ou não na tradução dos textos. Os resultados das análises mostraram que as três narrativas de ficção traduzidas tenderam para a aceitabilidade, ou seja, as traduções se aproximaram muito do público receptor estadunidense e do objetivo pedagógico traçado pelo OCIAA.

Diante deste cenário, no intuito de observar se outras narrativas de ficção brasileira traduzidas na década de 1940 financiadas pelo OCIAA também seguiram essa mesma tendência, sob a ótica teórico-metodológica dos Estudos Descritivos da Tradução (TOURY, 2012). O objetivo deste artigo é apresentar o cotejo de *Inocência*, de Visconde de Taunay (1872), com sua tradução intitulada *Inocência* (1946), feita por Henriqueta Chamberlain (1946), para analisar as escolhas e as modificações que foram feitas à tradução para que ela fosse acomodada ao sistema literário receptor. Destacamos que a história e vivência de Henriqueta Chamberlain no Brasil foram marcantes no processo de tradução da obra, pois aspectos culturais brasileiros foram incorporados ao texto para garantir maior acessibilidade aos leitores de língua inglesa.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O presente artigo toma também o rumo dedicado aos Estudos do Tradutor, proposto por Andrew Chesterman em seu artigo traduzido por Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Avila Braga Silva, publicado na Revista *Belas Infiéis* em 2014. Chesterman argumenta que apesar de o tradutor/intérprete estar implicitamente contido no mapa de James Holmes (1978), não há um ramo específico para se pesquisar o tradutor, as redes de sociabilidade e a subjetividade tradutória. O pesquisador sugere, assim, uma subárea específica dedicada a esses estudos, tendo como motivação a necessidade de acolher as pesquisas sobre a figura do tradutor demandadas na contemporaneidade. Outro aspecto que nos move a reconstituir a biografia da tradutora converge para a visibilidade da figura da tradutora e do tradutor, sujeitos geralmente marginalizados nessa cadeia de internacionalização das literaturas. Algumas pesquisas já caminham nessa mesma direção: Morinaka (2019, 2022 e 2023 [no prelo]); Pisetta (2020); Gúzman (2010) e Spoturno (2018), só para citar alguns.

## 1. *Inocência* (1872) e *Inocência* (1946): o cotejo

O enredo do romance é centrado na jovem Inocência, considerada pelo pai uma joia rara que deveria ser guardada em um lugar inacessível, ou seja, enclausurada em sua própria casa e distante do mundo em sua volta. Além do mais, existia um código de honra na localidade que não aprovava moças solteiras andarem sozinhas e aparecerem na frente de estranhos, reforçando o comportamento de Pereira em mantê-la em casa. Inocência estava prometida por seu pai ao rude Manecão, homem escracho, até que a chegada de Cirino em Santana do Parnaíba movimentava um pouco a narrativa que encaminha o triângulo amoroso para um desfecho infeliz. Na opinião de Erico Verissimo (1945) o romance *Inocência* poderia ser considerado uma espécie de ponte entre a escola romântica e o começo do naturalismo, pois, por mais que houvesse uma atmosfera romântica, Taunay conseguiu incorporar certos aspectos realistas como as condições de moradia no sertão brasileiro. Verissimo também qualificou o romance como uma história ingênua, com cheiro de terra e cheia de personagens e qualidades que fizeram com que os sertanejos brasileiros parecessem tão carismáticos.

Ao tratar especificamente da tradução de 1946, Verissimo, em um artigo da *The New York Times*, ainda se diz curioso em saber qual seria a reação das mulheres estadunidenses ao ler sobre uma realidade tão diferente da delas, sobre uma época em que as mulheres brasileiras tinham a liberdade e a educação negadas. Não há menção sobre nenhum tipo de avaliação da tradução nesse artigo, porém, percebe-se a preocupação do escritor e tradutor gaúcho com a recepção da obra pelo público feminino à época, que em parte não procedia, pois Chamberlain (1946) destacou no prefácio que a obra era um romance de protesto: “Taunay protesta contra a tirania dos

homens sobre as mulheres”<sup>7</sup>, e elencou alguns exemplos de como certos costumes ainda eram mantidos nos lugares mais recônditos do país.

Destaca-se que Verissimo trabalhou arduamente como um dos embaixadores da boa vontade e palestrou sobre a modernidade da sociedade brasileira para diversos públicos durante sua primeira viagem aos EUA em 1942 (MINCHILLO 2017; e MORINAKA 2022). Nas entrelinhas dessa crítica, Veríssimo parece sussurrar que *Inocência* trazia um conteúdo do século anterior que não mais encontrava ecos na modernidade brasileira nem tampouco na estadunidense.

Nosso objetivo ao cotejar os textos de partida e de chegada também não é avaliar a qualidade da tradução, mas descrever e procurar entender as escolhas feitas para que a tradução ficasse mais acessível para leitores de uma nova cultura, os falantes de língua inglesa. A metodologia utilizada foi alinhá-las lado a lado e contrastar parágrafo por parágrafo. Qualquer diferença encontrada entre o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC) foi anotada e usada posteriormente para análise. Depois da finalização da comparação, percebemos que quatro soluções de tradução se destacaram entre as demais e assim as consideramos as mais relevantes para serem examinadas no artigo: (i) alteração de palavras e expressões que se aproximaram mais dos leitores da cultura de chegada; (ii) omissão de marcas de oralidade; (iii) clarificação ou explicação de termos regionais; e (iv) manutenção de certos termos da fauna, flora e alimentação em português. Para melhor organização da argumentação, selecionamos alguns trechos que ilustram as escolhas tradutórias de acordo com esses tópicos.

## 1.1 Alterações de palavras e expressões que se aproximam dos leitores da cultura de chegada

---

<sup>7</sup> Nossa tradução de: “Taunay protests against the tyranny of men over women”.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

Nesta seção, nos limitaremos a discorrer sobre as alterações de alguns termos culturais específicos e a personificação da natureza, principalmente nos primeiros capítulos do romance. Vejamos os seguintes fragmentos:

## Fragmentos 1:

| Texto de partida (TP)  | Texto de chegada (TC)  |
|--|--|
| O Sertão e o Sertanejo (TAUNAY 1872:1)   | The Frontier and The Frontiersman (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: p.1)   |
| Através da atmosfera enublada mal pode então coar a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos <b>volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros e grânulos de carvão que redemoinham, sobem, descem e se emaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro às outras.</b> (TAUNAY 1872: 2). | The sunlight barely filters through the smoky atmosphere. The intense heat lingers and the air is full of <b>flying bits of burned straw and charcoal dust eddying and whirling in the conflicting breezes.</b> (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 3) |

Fonte: elaborado pelas autoras

Na introdução da obra nos deparamos com a tradução do título do primeiro capítulo. Os termos “sertão” e “sertanejo” são traduzidos para *frontier* [fronteira] e *frontiersman* [homem da fronteira]; palavras que, de certa forma, não têm o sentido cultural específico dos termos em português.<sup>8</sup> “Sertão”, de acordo com o dicionário *Oxford* (2007), além de ser uma região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas, também é classificada como “toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos”. “*Frontier*”, por sua vez, é classificada pelo *Oxford Languages* como “limite que separa dois países” [*a line that separates*

<sup>8</sup> Entendemos que estamos diante de duas culturas distintas que textualizam seus mundos de maneira particular. Nossa intenção não é avaliar essa ou aquela solução tradutória, mas descrever as possibilidades de escolhas oferecidas pela língua de chegada.



*two countries*]. O uso de um hiperônimo na tradução em detrimento do hipônimo é uma prática muito comum para compensar a “falta de correspondentes diretos” na língua de chegada.<sup>9</sup> Garcia (1970: 94) afirma que *frontier* e *frontiersman* foram as melhores soluções encontradas pela tradutora para se resolver “um dos mais sérios problemas de vocabulário do romance”, porém, o autor não adensa sua explicação.

No segundo exemplo, enquanto no TP temos uma natureza viva, em que o fogo interage com o clima seco do sertão, representada pelo jogo dos verbos “redemoinhar, descer, subir, emaranhar e embater”, no TC temos a redução do número de verbos para “*eddying and whirling*” [redemoinhar e rodopiar]. Outros trechos ao longo do TC mostram a redução do número de palavras, que de certa forma reduzem um pouco a carga dramática atribuída à natureza. A natureza em *Inocência* (1872) pode ser considerada uma “personagem” da história. Ela está mais presente e pujante nos primeiros capítulos e segue acompanhando os “personagens humanos” até seus destinos finais. No entanto, quando ela é alterada ou muitas vezes omitida no texto traduzido, seu *status*, sua força e vigor são diminuídos. O ambiente natural, tão importante para os românticos, influenciou escritores brasileiros do século XIX, inclusive Taunay, mas aos poucos cedeu espaço para o ambiente social na primeira metade do século XX. Henriqueta Chamberlain, tradutora trabalhando no século XX, talvez tenha reduzido o papel da natureza para que o ambiente social ficasse em destaque.

## 1.2 Omissão de marcas de oralidade

O romance *Inocência* é culturalmente marcado não só pelos aspectos da natureza e dos costumes locais como também pela representação do discurso

---

<sup>9</sup> Nesse mesmo período, Samuel Putnam, tradutor de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1942), traduziu o “sertão” localizado na Bahia como “*backlands*”, que tem características (fauna e flora) distintas do “sertão” da região mato-grossense. Na década seguinte, o “sertão” de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1956), foi traduzido por Harriet de Onís e James Taylor também como “*backlands*”, pois o lócus do romance está muito próximo ao “sertão” baiano.

oral das pessoas sertanejas. Há uma diversidade de variações linguísticas que ancoram a trama na região mato-grossense, porém, as marcações de oralidade são, em sua maior parte, omitidas na tradução. Vejamos:

## Fragmentos 2:

| Texto de partida (TP)   | Texto de chegada (TC)  |
|---|--|
| – Sim, mas doutor que não cura doenças. É <i>alamão</i> lá da <i>estranja</i> , e vem desde a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro caçando <i>anicetos</i> e picando borboletas... (TAUNAY 1872: 18) | “Yes, but a doctor that doesn’t cure diseases. He’s a German, from way out there in some foreign place, and he’s come all the way from São Sebastião in Rio de Janeiro, chasing bugs and catching butterflies. (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 53) |
| – <b>Pom</b> médico! <b>Pom</b> médico! (TAUNAY 1872: 23).  | ““Good doctor! Good doctor!” (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 69)   |

Fonte: elaborado pelas autoras

No primeiro segmento temos Pereira, pai de Inocência, residente de Santana do Parnaíba, que faz largo uso de gírias e expressões regionais que são textualizadas da forma como ele as pronuncia. Ao apresentar Meyer aos outros personagens, Pereira utiliza o termo “alamão”, ao invés de “alemão”, uso que se estende pela obra inteira. Outro termo pronunciado diferentemente da forma convencional é “anicetos”, que se refere a “insetos”. Ambas são grafadas seguindo as normas gramaticais da língua inglesa no TC, “*German*” e “*insects*”.

O exemplo seguinte refere-se a uma característica da pronúncia de Meyer, um alemão hospedado no Brasil que possui um sotaque próprio por ser falante de português como segunda ou terceira língua. Ao elogiar Cirino, o sintagma “bom médico” é textualizado como “pom médico”, que revela a influência fonética da língua alemã ao falar a língua portuguesa, particularidade essa que não aparece no TC.

Considerando esses e outros exemplos recorrentes no TC, ressaltamos a dificuldade de se traduzir marcas orais ou regionalismos para outras línguas. Paulo Henriques Britto (2012), tradutor de inúmeras obras da língua inglesa para o português, sinaliza que prefere usar o português padrão por acreditar que não há correspondências de regionalismo entre dois países. Para ele, uma tradução extremamente estrangeirizadora, sem qualquer modificação, se tornaria ininteligível para o leitor de chegada. “Não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou de convencional” (BRITTO 2012: 67). Assim, é necessário adotar posições intermediárias entre os dois extremos.

Quanto à tradução de marcas orais de textos latino-americanos para o inglês nesse mesmo período, Dudley Poore, escritor e tradutor estadunidense, e Angel Flores, tradutor e editor porto-riquenho, organizaram uma antologia de literatura latino-americana intitulada *Fiesta in November* (1942). Durante o processo, Poore trocou correspondências com os tradutores e o editor da *Houghton Mifflin Company*. Em uma dessas cartas, a tradutora, Enid Eder Perkins, menciona que usou algumas marcas de oralidade da língua inglesa. Ao invés de “*I cannot*” [Eu não posso, a forma usada na escrita, principalmente em textos de registro formal], ela usou a forma contraída “*I can’t*” [transcrição da forma falada, geralmente usada em textos de registro informal] e também utilizou o “*Goin*” [aproximadamente “Ino”], mas Poore respondeu que a editora pediu para que ela trocasse a palavra para “*going*” [Indo] (MORINAKA 2023 [no prelo]). Talvez isso aponte para alguma norma na tradução que era mais aceita pelas editoras estadunidenses à época, porém, são necessários mais estudos de caso para se chegar a uma conclusão definitiva.

### 1.3 Clarificação ou explicação de expressões regionais

A clarificação ou explicação das expressões regionais foi a solução mais frequentemente usada para traduzir os discursos diretos em *Inocência* (1946). Vejamos alguns exemplos:

## Fragmentos 3:

| Texto de partida (TP)   | Texto de chegada (TC)   |
|---|---|
| <p>– Ora se! retrucou o mineiro. Nestes sertões só sinto a falta de uma coisa: é de um cristão com quem de vez em quando <b>dê uns dedos de paroula</b>. Isto sim, por aqui é <b>vasqueiro</b>. Tudo anda tão calado!... uma verdadeira caipiragem!... (TAUNAY 1872: 5)</p>   | <p>“Don’t I! replied the Mineiro. “In these backlands<sup>10</sup> I feel the lack of only one thing a Christian with whom I can <b>exchange a bit of gossip</b> now and then. And that’s the truth. But around here <b>it’s hard to find one</b>. Everything is quiet; they’re real backwoodsmen.” (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 13)</p>   |
| <p>– E mulher, prosseguiu o mineiro com raivosa volubilidade, é <b>gente tão levada da breca</b>, que se lambe toda de gosto com ditinhos e requebros desta súcia de embromadores. Com elas, digo eu sempre, <b>não há que fiar</b>...Má hora me trouxe este <b>alamão</b>... Mil raios o rachim!... E logo o Chico...Tenho agora que ficar de alcatéia... <b>meter-me em tocaia</b> e fazer fojos para que o <b>bracaiá</b> não me entre no galinheiro. Ora que tal! (TAUNAY 1872: 27)</p> | <p>“And a woman,” continued the Mineiro in anger, “is such an <b>insufferable creature</b> that she swallows greedily all the pretty words and tender speeches of these filthy deceivers. I always say, <b>you can’t trust women</b>. It was a bad day that brought me this <b>German</b>. Damn him a thousand times! And then Chico! Now I’ll have to be on guard. <b>I’ll have to wait</b> and watch to keep that wildcat out of my chickenyard. Did you ever?” (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 83)</p> |

Fonte: elaborado pelas autoras

<sup>10</sup> Ao contrário do uso dos termos *frontier* e *frontiersman* para traduzir sertão e sertanejo respectivamente, já examinados na subseção 1.1., nesse trecho temos a tradução de sertão como *backlands*, provavelmente por ser um trecho mais avançado da narrativa em que o termo *backlands* já pudesse ser compreendido pelos leitores sem explicações ou notas de rodapé adicionais, mas pelo contexto.

O primeiro exemplo, “Dê uns dedos de paroula<sup>11</sup>” significa fofocar, traduzido para “*Exchange a bit of gossip*” [trocar um pouco de fofoca]. “Vasqueiro” é algo escasso, raro, traduzido como “*it’s hard to find one*” [é difícil de achar]. Todos esses trechos apresentam uma tendência clarificadora (BERMAN 2013) ou explicativa (BARBOSA 2007), ou seja, a necessidade de explicar o que a expressão regional significa no texto traduzido ao invés de usar uma expressão idiomática que corresponda ao texto de partida. Na maior parte dos casos encontrados no cotejo, o trecho clarificado ou explicado no TC se torna mais longo, justamente por essa necessidade de explicação do termo. Britto (2012) ressalta que essa solução é bastante comum por ser a melhor forma de se traduzir aspectos culturais em um texto e podem ser incorporadas no próprio corpo do texto ao invés de se usar notas de rodapé.

No segundo exemplo temos Pereira falando com Cirino sobre as mulheres e Meyer. “Gente tão levada da breca” são pessoas que aprontam artes ou travessuras e foi traduzido para “*insufferable creature*” [criatura insuportável]. “Não há que fiar” [não se pode confiar] foi traduzido para “*you can’t trust women*” [você não pode confiar em mulheres]. “Meter-me em tocaia” [esperar com cautela] foi traduzido como “*I’ll have to wait*” [Eu vou ter que esperar]. A clarificação e explicação em *Inocência* (1946) alonga e explica algumas expressões regionais ou ditados populares. O resultado dessa solução é que o TC se torna mais formal, enquanto o TP tem uma ambientação informal com um tom conversacional.

A maior parte dos diálogos em *Inocência* faz amplo uso de expressões regionais e ditados populares. Pereira é uma representação sertaneja tanto por seu comportamento quanto seu estilo de vida traduzidos nas suas falas, que têm grande presença na narrativa, pois ele fala mais do que qualquer outro personagem da obra. Desse modo, a omissão das marcas de oralidade e a clarificação ou explicação de expressões regionais no texto traduzido de

---

<sup>11</sup> “Paroula” é uma forma alternativa da palavra “parola”, que provém do termo latino parábola, e significa “Palavra oca; palavreado, palanfrório, conversa ou trela”. Dessa forma, podemos interpretar a expressão “Dedos de paroula” como fofoca ou fofocar (DICIONÁRIO INFORMAL).

certa forma não promovem o encontro com o homem sertanejo construído no texto de partida.

Na época em que a tradução foi feita, o debate sobre a manutenção ou não de termos estrangeiros no texto traduzido circulava nos meios acadêmicos, mas não conseguimos afirmar se as tradutoras ou os tradutores tiveram acesso a esse debate. A tendência editorial era traduzir os aspectos culturais considerados complicados para o entendimento do público de chegada. Berman (2013) enfatiza que esse ato de clarificar é um vulgarizador científico, pois “traduz” uma língua especial em língua comum, fazendo com que as peculiaridades da língua especial desapareçam na tradução, ocultando o estrangeiro e o que nos é estranho. Essa estratégia não permite o encontro com o Outro, com o diferente, que poderia, em algum momento, ser incorporado na língua traduzida, ajudando a fazer florescer os idiomas para os quais se traduzem. Por outro lado, o texto estrangeiro de fácil acesso para um público pode servir como uma “porta de entrada” para outras culturas.

Visconde de Taunay forneceu explicação para alguns termos regionais em notas de rodapé na obra original, então é possível que Henriqueta Chamberlain tenha utilizado algumas dessas notas para entender alguns regionalismos e traduzi-los para o inglês. Ao mesmo tempo foi preciso muita dedicação e pesquisa, além de grande dose de conhecimento específico para a execução da tarefa. Apesar de termos identificado a clarificação ou explicação das expressões regionais, acreditamos que apenas uma tradutora cuidadosa teria essa habilidade para explicar ao invés de omitir as marcas regionais. Nesse aspecto, a tradução de *Inocência* é muito similar à narrativa da autobiografia de Chamberlain, *Where the Sabiá Sings*, na qual encontramos explicações minuciosas de aspectos regionais; Henriqueta Chamberlain pode ter se inspirado na tradução para compor a autobiografia, o que acabou revelando sua admiração pela cultura e a língua brasileira.

## 1.4 Manutenção de palavras em português

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

Outra solução tradutória também utilizada em *Inocência* foi a manutenção de itens culturais específicos em português. Nomes de pessoas, cidades e animais, elementos da natureza, comidas, interjeições, entre outros grupos de palavras foram mantidas em itálico no TC. Vejamos alguns exemplos:

Fragmentos 4:

| Texto de partida (TP)  | Texto de chegada (TC)  |
|--|--|
| É a hora, em que se aperta de inexplicável receio o coração. Qualquer ruído nos causa sobressalto; ora o grito aflito da <b>zabelê</b> nas matas, ora as plangentes notas do <b>bacurau</b> a cruzar os ares. (TAUNAY 1872: 3) | It is the hour in which the heart tightens with inexplicable fears. Any noise is startling; the anguished cry of the <b>zabelê</b> partridge in the woods; or the plaintive notes of the <b>bacurau</b> night bird as it crosses the sky. (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 7) |
| Fez-se a menina da cor da <b>pitanga</b> , levantou uns olhos surpresos e voltou logo o rosto para fugir dos olhares ardentes de Cirino. (TAUNAY 1872: 31)   | The girl blushed to the color of <b>pitanga</b> . She raised surprised eyes, and turned them away again quickly, to escape Cirino's burning eyes. (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 96)  |
| Transformava-se para ele o caminho em <b>dolorosa via</b> , que numa vertiginosa carreira quisera vencer, mas que era preciso ir tragando pouso a pouso, ponto a ponto. (TAUNAY 1872: 54)                                      | The road became <i>a via dolorosa</i> for him. He wished to cross at top speed, but he had to go at what seemed a snail's pace. (TAUNAY, Tradução de Henriqueta Chamberlain 1946: 171)   |

Fonte: elaborado pelas autoras

No primeiro trecho, as palavras “zabelê” e “bacurau” foram mantidas em português, seguidas de um referencial em inglês. “*Partridge*” é “perdiz” e “*night bird*”, “pássaro noturno”. Esse é um exemplo que mostra uma possível

compensação por parte da tradução ao manter os estrangeirismos e também a estranheza do texto, de forma que em inglês pode-se perceber que o texto que está sendo lido é de outro país. Barbosa (2007) nomeia esse procedimento tradutório como “transferência com explicação”, em que a palavra estrangeira é mantida e seguida por uma breve explicação no próprio corpo do texto.

No caso da tradução de “dolorosa via” do TP, entretanto, a motivação para a inversão do substantivo e adjetivo parece ser muito distinta. É possível que Taunay tenha salientado por meio do adjetivo “dolorosa”, de forma indireta, uma menção à Via Dolorosa da cultura cristã, o caminho que Jesus percorreu até chegar à Cruz, uma passagem bem difícil e árdua. Essa parece ter sido a interpretação de Chamberlain, talvez pela influência de sua experiência pessoal na religião batista, já que ela optou por usar a expressão latina “via dolorosa”, explicitando a conexão com a expressão religiosa.

Esses exemplos ilustram muito o estilo de escrita de Henriqueta Chamberlain, principalmente quando associamos a tradução aos acontecimentos da sua vida e à sua escrita em *Where the Sabiá Sings*, uma autobiografia de sua vida no Brasil. A escolha por manter as palavras do campo semântico de plantas, animais, alimentos e pratos típicos brasileiros em português aproxima a tradução de *Inocência* com a sua autobiografia. Ambas compartilham a característica de deixar o texto com aspecto estrangeiro seguido por explicações. O procedimento tradutório de “transferência com explicação” serve para que “o leitor possa aprender seu significado através do contexto” (BARBOSA 2007: 74). Partimos, nesse momento, para a reconstituição de parte de sua biografia e os pontos de contato entre a tradução de *Inocência* e sua autobiografia *Where the sabiá sings*.

## 2. Henriqueta Chamberlain: trajetória e vivência no Brasil



Henriqueta Morton Ginsburg<sup>12</sup>, filha de Emma Morton Ginsburg e Salomão Luiz Ginsburg, nasceu em Floresta dos Leões, Recife, Brasil, em 1904<sup>13</sup>. Seus pais eram missionários evangélicos e viajavam pelo Brasil inteiro com suas expedições religiosas. Seu pai, que se chamava originalmente Shalomo Ludwig Ginsburg (1867-1927) foi um judeu convertido para o cristianismo e uma figura notória para a religião naquela época pelos seus feitos para a Igreja. Ele nasceu em Suwalki, na Polônia, fugiu de casa aos 15 anos e viajou para vários países. Assim que chegou ao Brasil entrou para a Igreja Batista e aportuguesou seu nome para Salomão Luiz Ginsburg. Ele se casou, mas logo ficou viúvo e, em 1º de agosto de 1893, se casou pela segunda vez com Emma Proctor Morton<sup>14</sup>.

Emma Proctor Morton (1865-1950) nasceu em Owensboro, Kentucky, nos Estados Unidos e foi a segunda mulher solteira a ser enviada por uma União Feminina Missionária norte-americana para trabalhar no estrangeiro. Ela foi uma das primeiras redatoras de lições para a Escola Dominical e fundou a primeira Sociedade Auxiliadora de Senhoras (SILVANA 2008; PEREIRA 2010). Emma e Salomão se encontraram no Brasil, se casaram e tiveram oito filhos, entre eles Henriqueta Ginsburg.

Em sua obra intitulada *Where the Sabiá Sings*, publicada em 1947 pela Macmillan Company, Henriqueta Chamberlain apresentou uma autobiografia da sua infância e adolescência no Brasil como Henriqueta Ginsburg e sua jornada como filha de missionários que viajaram e moraram em várias cidades. Em um determinado período, a família se mudou para Salvador e nossa tradutora relatou com bastante zelo explicações sobre as comidas típicas baianas, o candomblé, o folclore, as gírias e a história da cidade. Após alguns anos, a família passou um período no Rio de Janeiro, capital do país à

---

<sup>12</sup> Baylor College. *Round Up Yearbook*. Waco, Texas. Class of 1924: 76.

<sup>13</sup> Stray Leaves. Disponível em: <<https://www.ericjames.org/html2014/fam/fam76440.html>>; Henrietta Chamberlain in the 1940 Census. Disponível em: <[https://www.ancestry.com/1940-census/usa/New-York/Henrietta-Chamberlain\\_dds6p](https://www.ancestry.com/1940-census/usa/New-York/Henrietta-Chamberlain_dds6p)>

<sup>14</sup> GINSBURG, Salomão. *Um judeu errante no Brasil*. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1946; Museu Virtual Batista do Sertão. Disponível em: <[http://www.museubatistadosertao.org/past\\_salomaoLuis.html](http://www.museubatistadosertao.org/past_salomaoLuis.html)>

época, e em São Paulo, onde ela se apaixonou e teve um relacionamento com um político.

Depois de alguns anos morando em São Paulo, seu pai, que se preparava para uma expedição a Goiás, faleceu antes mesmo de partir para a viagem. Para cumprir o objetivo religioso da última expedição do pai, Henriqueta e Emma, sua mãe, foram em direção a Goiás. Nesse percurso, Henriqueta teve contato com novas informações e costumes e, a partir dessa experiência, conta a história do guaraná, a beleza natural de Minas Gerais, as origens indígenas de certas palavras brasileiras e a educação do povo sertanejo. Infelizmente, Emma seguiu a viagem para Goiás sozinha, pois Henriqueta foi acometida por uma disenteria que a impediu de seguir a expedição com a mãe. Assim que elas retornaram para São Paulo, Henriqueta se despediu das terras brasileiras e pegou um navio para Nova York, para também tomar o mesmo rumo dos irmãos, cursar a universidade. A narrativa da autobiografia termina na sua chegada no porto de Nova York confessando o desencanto inicial que ela teve com os EUA.

Assim que chegou nos EUA, seu nome foi inglesado para Henrietta, mas manteve a grafia portuguesa “Henriqueta” no meio profissional. Henriqueta Ginsburg se formou em Inglês na Baylor College, Waco, Texas, em 1924. Durante o período na universidade, participou de clubes de literatura, do clube batista e do clube de mulheres estrangeiras<sup>15</sup>. Em uma entrevista para o jornal *The Worthington News* (1947)<sup>16</sup>, Henriqueta relatou que viajou pelos EUA para conhecer melhor o país, e acabou se estabelecendo em Nova York, onde entrou para a equipe de uma revista famosa e lá conheceu Kenneth Russell Chamberlain, com quem se casou e teve três filhos: Thomas, John e Russell Chamberlain. Kenneth (1891-1984) nasceu em Des Moines, Iowa, Estados Unidos e foi ilustrador de diversos jornais e revistas norte-americanas<sup>17</sup>. Ele ilustrou a obra *Where the Sabiá Sings*, desenhando as

---

<sup>15</sup> Baylor College. *Round Up Yearbook*. Waco, Texas. Class of 1924: 134-135, 160-161, 178-179.

<sup>16</sup> WRITES noted book as result of party. *The Worthing News*. Ohio, 1 mai. 1947

<sup>17</sup> Spartacus Educational. Disponível em:  
<<https://spartacus-educational.com/ARTchamberlain.htm>.>

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

imagens que acompanharam os relatos da esposa sobre os eventos vividos no Brasil.

Henriqueta Chamberlain também foi coautora do livro, *An Invitation to Portuguese*, com Margarita Madrigal, publicado em 1944 pela editora *Simon and Schuster*. Essa obra tinha como objetivo introduzir a língua portuguesa conversacional aos estadunidenses<sup>18</sup>. Em 1950, Chamberlain foi designada para participar do novo conselho da sociedade cultural brasileira, um conselho administrativo formado por personagens brasileiras notórias que moravam nos Estados Unidos na época<sup>19</sup>. Em 1964, participou de um bate-papo na igreja *Woman of St. John's* para falar sobre suas experiências no Brasil, suas obras e sua história, o que parece ter se constituído em uma de suas metas, promover o Brasil e a língua portuguesa não só nos Estados Unidos como também no Brasil, Inglaterra e Portugal<sup>20</sup>. Ela faleceu em 1994 e foi enterrada no mesmo lugar que seu marido e seu filho mais novo, no *Green Lawn Cemetery*, em Franklin, Ohio, nos Estados Unidos<sup>21</sup>.

Durante sua trajetória, Henriqueta Chamberlain dedicou seus estudos e esforços para a cultura do Brasil com um grande afeto pelas terras brasileiras. Sua autobiografia deixa claro o amor que sentia pelo país e que, de certa forma, parece ter sido inspirador para a tarefa tradutória de *Inocência*, podendo ser a fonte para o estilo de escrita utilizado em sua autobiografia *Where the Sabiá Sings*. O procedimento tradutório chamado de transferência com explicação (BARBOSA 2007) usado largamente por Chamberlain em *Inocência* foi adaptado para a escrita de sua autobiografia, em que a escritora mantém os itens culturais específicos brasileiros em língua portuguesa em itálico e adiciona breves explicações entre parênteses ou apostos. Vejamos alguns fragmentos:

#### Fragmentos 5:

<sup>18</sup> BRAZILIAN books gain in favor here. *Brazilian Bulletin*. Nova York, 15 jun. 1946.

<sup>19</sup> NOVO conselho da sociedade cultural brasileira. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1950.

<sup>20</sup> BRAZILIAN experiences to be revealed in Talk. *San Bernadino Sun*. California, 27 set. 1964.

<sup>21</sup> Billion Graves. Disponível em:  
<<https://it.billiongraves.com/grave/Kenneth-R-Chamberlain/121654>>

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

This *feijoada*, with or without meat, is really the national dish of Brazil. Everyone serves it at least once, usually twice a day, and it is always accompanied by rice and toasted *farinha de mandioca* (cassava meal). We used to make quite a ceremony of it. First we could choose the meat and place it carefully on our plate. It was usually so tender we could cut it easily with our forks. Then we would put a helping of rice alongside it. On top of this went the plump black beans with plenty of their own rich black sauce. Over it all we could sprinkle the golden *farinha*. Sometimes we would add the juice of a lemon, too, for extra piquancy. Then we feast. (CHAMBERLAIN 1947: 122)<sup>22</sup>

*Bicho* is still a popular word in Brazil, and it is used now for almost any living thing whether large or small. It can mean an animal ranging in size from a whale or an elephant, man or horse, down to a cat, a dog, a mosquito or a flea. When you hear someone say, 'Bring in the *bicho*', you just sit quietly and wait. Anything can appear. (CHAMBERLAIN 1947: 65)<sup>23</sup>

I missed the musical Bahian street calls. In Rio the tin vender announced himself by clanging tin pans together. (...) The *tamanco* (wooden shoe) vender slapped two wooden shoes together. The tailor tooted a brassy horn; the bread vender screamed, "Bread man! Bread man!" The only pleasant sound was the ice-cream. Late afternoons I would listen enchanted to his song, " *Sorvete, yá-yá de abacaxi\* e de banana também!*" (CHAMBERLAIN 1947: 84)<sup>24</sup>

Fonte: elaborado pelas autoras

<sup>22</sup> Nossa tradução: "Essa feijoada, com ou sem carne, é certamente o prato típico do Brasil. Todos comem pelo menos uma ou duas vezes ao dia, e sempre vem acompanhado de arroz e farinha de mandioca torrada. Nós tínhamos um ritual para nos servirmos. Primeiro, escolhíamos a carne e colocávamos cuidadosamente nos pratos, geralmente era tão macia que conseguíamos cortar facilmente com os garfos. Depois, colocávamos um pouco de arroz ao lado. Sobre eles, despejávamos os gordos grãos de feijão preto com bastante caldo encorpado do próprio feijão. Finalmente, regávamos com a farinha. Para dar mais picância, às vezes adicionávamos um pouco de limão. Depois nos fartávamos."

<sup>23</sup> Nossa tradução: "Bicho continua sendo uma palavra popular no Brasil, usada agora para qualquer coisa viva, grande ou pequena. Pode significar um animal do tamanho de uma baleia, um elefante, homem ou cavalo, até os menores como um gato, cão, mosquito ou uma pulga. Se você ouvir alguém falar: "Traga o bicho", permaneça como está e espere. Qualquer coisa pode surgir."

<sup>24</sup> Nossa tradução: "Eu sentia falta dos anúncios musicais das ruas da Bahia. No Rio, o vendedor de panelas anunciava sua chegada tilintando as panelas. (...) O vendedor de tamanco batia os tamancos. O alfaiate tocava um chifre de bronze e o vendedor de pão gritava "Homem do pão! Homem do pão!". O único som agradável vinha do vendedor de sorvete. De tardinha, eu ouvia fascinada a sua música 'Sorvete, yá-yá, de abacaxi e de banana também!'"

No primeiro trecho, as palavras “feijoada”, “farinha de mandioca” e “farinha” são mantidas em português com breves explicações entre parênteses enquanto ela detalha como a feijoada é servida. No segundo trecho, de forma bastante cômica, Henriqueta pormenoriza o uso da palavra “bicho” no Brasil. Várias acepções de diferentes palavras de origem indígena também são detalhadas ao longo de sua obra. No último trecho, além das diferenças culturais entre as regiões nordeste e sudeste, há um asterisco em “abacaxi”, uma das poucas notas de rodapé presentes na autobiografia, que diferencia a pronúncia da letra “x” no português e inglês: “Portuguese x = English sh” (CHAMBERLAIN 1947: 84).

*Where the Sabiá Sings* expressa as opiniões da tradutora/escritora em relação ao Brasil e suas especificidades sobre arcos temáticos que vão desde a política brasileira até o preparo de uma feijoada. Ocorrências como as relatadas acima são comuns ao longo de sua autobiografia, o que nos faz acreditar que o processo criativo da tradução da obra de Taunay exerceu uma influência decisiva no estilo usado em sua própria escrita. Chamberlain manteve sua escrita a mais próxima do português possível, e, conseqüentemente, houve uma tentativa de proporcionar ao público estadunidense uma aproximação da cultura brasileira de forma didática, que não é muito diferente do projeto tradutório financiado pelo OCIAA. Apesar de ser a perspectiva de uma mulher brasileira de classe média alta, Chamberlain conseguiu trazer um panorama de diversas especificidades do Brasil. Obviamente, não podemos perder do horizonte o fato de ser um relato das décadas de 1920 e 1930 e há uma tendência em generalizar ideias de uma cultura brasileira por meio da experiência pessoal. Por outro lado, a obra abre frestas para detalhes do cotidiano a partir de uma perspectiva feminina, juntando-se às vozes das escritoras brasileiras que também se dedicaram a retratar aspectos culturais e sociais do período, apesar de *Where the Sabiá Sings* ter sido escrita em língua inglesa.

## Considerações finais

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)

*Inocência* é um romance com muitos detalhes e minúcias que representam uma localidade brasileira do século XIX, a região sul-mato-grossense. Visconde de Taunay era um entusiasta da fauna e da flora, dos dialetos e dos costumes dos lugares por onde ele passou pelo Brasil, incluindo, claro, Santana do Parnaíba. Assim como Taunay, Chamberlain era uma entusiasta da cultura brasileira e promoveu esse intercâmbio cultural das suas vivências no Brasil para os Estados Unidos por meio da tradução de *Inocência* e na autobiografia *Where The Sabiá Sings*.

Ao realizarmos o cotejo entre o TP e o TC analisando as soluções tradutórias de Henriqueta Chamberlain e comparando-as com o estilo de escrita de sua autobiografia, demonstramos a importância de sua vivência no Brasil na tradução de *Inocência* e na composição de *Where the Sabiá Sings*. É importante salientar que mesmo diante de todos os desafios de tradução que obras como *Inocência* possam trazer, ao reconstituirmos a trajetória de Henriqueta Chamberlain, percebemos a importância de terem sido traduzidas por uma pessoa que conhecia a cultura brasileira, experiência não muito comum aos tradutores de língua portuguesa da época, para que a tradução pudesse ser dada ao público estadunidense.

O objetivo pedagógico dos projetos de tradução do OCIAA que investia em um diálogo entre os Estados Unidos e a América Latina para se conhecerem reciprocamente foi cumprido. Chamberlain conseguiu traduzir uma obra regionalista para o público estadunidense de forma didática, somando-se ao corpo de obras brasileiras traduzidas para o inglês financiado pelo OCIAA no mesmo período.

## Agradecimentos

Essa pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em forma de bolsa de doutorado sanduíche para Eliza Mitiyo Morinaka - Processo 99999.007199/2014-07 e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) em forma de bolsa de

Iniciação Científica para Luciana Vitória Cupertino Santos - Processo 084.0508.2021.0003046-11. Agradecemos também as valiosas sugestões feitas pela/o parecerista anônima/o, que contribuíram para a melhoria do artigo.

## Referências

- AIXELÁ, J. F. Culture Specific Items in Translation. In: ALVAREZ, R.; VIDAL, M. C. *Translation, Power, Subversion*. Inglaterra: Multilingual Matters Ltd, 1996: 52-77.
- MORINAKA, E. M. Agnes Blake Poor e os Pan-American Poems. *Ilha do Desterro*, v. 72, n. 2, Florianópolis, 2019: 127-152. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2019v72n2p127/40175>. Acesso em: 25 set. 2022.
- MORINAKA, E. M. *Tradução como política: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947)*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- MORINAKA, E. M. Criatividade e censura na tradução: um estudo de *Consider the lilies of the field* (1947), traduzido por Jean Neel Karnoff. *Revista Graphos*, vol. 24, n.º 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/61912>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- MORINAKA, E. M. Organizing a Latin-American anthology in translation under the auspices of the US State Department in the 1940s: translators and editor's correspondence. *Métra Journal*, v. 68, n. 2, 2023 [no prelo].
- BARBOSA, H. G. *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma Nova Proposta*. 3ª ed. São Paulo: Pontes Editores, 2007 [1990].
- BAYLOR College. *Round Up Yearbook*. Texas, 1924.
- BERMAN, A. *A Tradução e a Letra e o Albergue do Longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013 [2008].
- BILLION Graves. Disponível em: <https://it.billiongraves.com/grave/Kenneth-R-Chamberlain/121654>.
- BRAZILIAN books gain in favor here. *Brazilian Bulletin*. Nova York, 15 jun. 1946.
- BRAZILIAN experiences to be revealed in Talk. *San Bernardino Sun*. California, 27 set. 1964.
- BRITTO, P. H. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CARVALHO, B. Um outro sertão literário: linguajar pantaneiro e espaço nacional em Inocência de Taunay. *Revista Investigações*, n.1, Pernambuco, 2010.
- CHESTERMAN, A. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia R. Costa e Rodrigo D. B. Silva. *Belas Infiéis*, n. 2, 2014: 33-42.
- DICIONÁRIO online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>.
- DICIONÁRIO informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.
- GARCIA, F. C. Três versões de um romance de Taunay. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, n. 9, São Paulo, 1970: 83-97.

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 107-130

[www.revistas.usp.br/tradterm](http://www.revistas.usp.br/tradterm)



- GINSBURG, S. *Um judeu errante no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1946.
- GUZMÁN, M. C. *Gregory Rabassa's Latin American Literature: A Translator's visible legacy*. Maryland: Bucknell University Press, 2010.
- HENRIETTA Chamberlain in the 1940 Census. Disponível em: <[https://www.ancestry.com/1940-census/usa/New-York/Henrietta Chamberlain\\_dds6p](https://www.ancestry.com/1940-census/usa/New-York/Henrietta-Chamberlain_dds6p)>.
- NOVO conselho da sociedade cultural brasileira. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1950.
- OXFORD Languages. Disponível em: <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/>>.
- PEREIRA, M. M. Emma Morton Ginsburg, Pioneira do Trabalho Feminino Batista no Brasil. *Visão Missionária*, n. 2, 2010: 36-39.
- PISETTA, L. M. R. O lado menos conhecido da história da primeira tradução de Grande sertão: veredas para o inglês. *Trabalhos em linguística aplicada* [online], n.2, São Paulo (Unicamp), 2020: 1288-1309.
- SILVANA, E. M. *Gênero e Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios no XX. Mandrágora*, v.114, São Bernardo do Campo, 2008: 25-37.
- SPARTACUS Educational. Disponível em: <<https://spartacus-educational.com/ARTchamberlain.htm>>.
- SPOTURNO, M. L. Self-retranslation as a rite of passage: Rosario Ferré's English version of "La Muñeca menor". *Mutatis Mutandis*, n.11, Colombia (UdeA), 2018: 356-375.
- STRAY Leaves. Disponível em: <<https://www.ericjames.org/html2014/fam/fam76440.html>>.
- TAUNAY, V. *Inocência*. Porto Alegre: L&PM. 1999 [1842]
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Tradução de Henriqueta Chamberlain. Nova York: McMillan Company, 1946.
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. Biblioteca Nacional do Livro: Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/inocencia.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/inocencia.pdf)>.
- VERISSIMO, Erico. A Backlands Juliet: Inocencia. *New York Times*, Nova York, Mar. 4, 1945.
- WRITES noted book as result of party. *The Worthing News*, Ohio, 1 mai. 1947.